

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**BRENNASANTANA DO ESPIRITO SANTO E MATEUS RIBEIRO DE SOUZA**

**GEOGRAFIA E ARTE URBANA: OLHAR E RECONHECER-SE**

**VITÓRIA  
2023**

BRENNA SANTANA DO ESPIRITO SANTO E MATEUS RIBEIRO DE SOUZA

**GEOGRAFIA E ARTE URBANA: OLHAR E RECONHECER-SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlo Eugênio Nogueira.

VITÓRIA  
2023

**GEOGRAFIA E ARTE URBANA: OLHAR E RECONHECER-SE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlo Eugênio Nogueira  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Prof. Dr. Erick Gabriel Jones Kluck  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr. Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges  
Universidade Federal do Espírito Santo

“A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre.”

Eric Dardel

## RESUMO

O estudo da paisagem urbana na Geografia é repleto de possibilidades, a complexidade onde acontece lutas sociais, conflitos por direito à cidade, se revela de várias formas no cotidiano e aparece nas discussões acadêmicas, escolares e por vezes informalmente. O espaço urbano está em constante disputa pelas narrativas em torno da paisagem, esse trabalho se atenta em reconhecer os estudantes como autores por meio de intervenções artísticas, fenômeno que inunda as paisagens urbanas e por vezes é silenciado e coibido pelos poderes públicos e privados. Seguindo algumas das competências da Base Nacional Comum Curricular para a Geografia, foram levadas fotografias impressas de alguns pontos da Região Metropolitana da Grande Vitória para que os alunos interviessem artisticamente. O resultado das aulas apresenta as percepções dos alunos sobre problemas urbanos e características da vida urbana, ao passo que demonstra o potencial da arte urbana como um movimento cultural que oferece possibilidades de experiências em sala de aula na Geografia Escolar.

Palavras chave: Arte Urbana; Píxo; Geografia; Paisagem; Espaços Urbanos

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Escadaria que leva ao bairro da Piedade no Centro, Vitória/ES.....	09
Figura 02 - Emaranhado de construções na Rua Caramuru no Centro, Vitória/ES...	17
Figura 03 - Graffiti e pixo na Cidade Alta no Centro, Vitória/ES.....	19
Figuras 4 e 5 - Pixo e mural de rosto humano se repetindo nos arredores da Catedral Metropolitana no Centro, Vitória/ES.....	19
Figura 06 - Abandono de imóveis.....	20
Figura 07 - Pixo encontrado em Jardim da Penha, Vitória/ES.....	21
Figura 08 - Mural na Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes no Centro, Vitória/ES apresentado aos alunos.....	24
Figura 09 - Frame do filme Homem Aranha no Aranhaverso (2018).....	25
Figuras 10, 11, 12 - Resultados das atividades realizadas com os alunos.....	28
Figuras 13 e 14 - Resultados das atividades realizadas com os alunos.....	29

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 OBJETIVOS GERAIS.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3 METODOLOGIA.....	16
4 RELATOS DE CAMPO, DAS AULAS E RESULTADOS OBTIDOS.....	17
4.1 O CAMPO.....	17
4.2 AS AULAS.....	22
4.3 OS RESULTADOS OBTIDOS.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

## 1 INTRODUÇÃO

---

A Geografia enquanto ciência apresenta uma série de possibilidades de trabalho em sala de aula, especialmente se tratando das diversas categorias que fazem parte do cânone da ciência, entre elas a paisagem, no caso do presente trabalho, especificamente a paisagem urbana como uma categoria reveladora de invisibilidades, contradições e lutas cotidianas de diversos grupos que ocupam e produzem o espaço urbano. De acordo com Lefebvre:

Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. (LEFEBVRE, 2001, p. 46).

Portanto o espaço urbano não se constitui de um palco onde as pessoas apenas interagem, ele é produto dos seres humanos ao mesmo tempo que é feito para os seres humanos. É um espaço de efervescência humana que é demonstrado por meio de conflitos por território, disputas de poder e pelos múltiplos direitos à cidade. Este fenômeno histórico que ao mesmo tempo que agrupa, segrega comunidades por meio do controle do lazer, transporte público, violência e especulação imobiliária. Isto é, o espaço urbano é espaço de disputa, em seus vários âmbitos, política, de discurso, econômica, todos relacionados e imbricados entre si.

Os múltiplos espaços urbanos dessa forma convergem e estão em disputa ao mesmo tempo que formam os cidadãos que o produzem entre si, territórios estes que às vezes atravessam os lugares e não se relacionam com eles, para usar a expressão das redes de Milton Santos (2006). Portanto o urbano é espaço de paisagens de diferentes territórios e território de diferentes paisagens, como ela é vista e sentida também como objeto de disputa, já que ela condiciona a nossa (in) sensibilidade e o modo como somos socializados (SOUZA, 2013).



O estudo de elementos e práticas presentes na paisagem urbana tem um grande potencial em sala de aula, por revelar as várias formas de vivência. Considerando o pixo como um dos elementos que compõem a paisagem urbana, talvez o mais emblemático, o presente trabalho buscou enquadrar as características próprias da pixação como forma de demonstrar aos alunos que é possível ser autor da paisagem, de se representar e representar coletivamente a complexidade de onde se vive através do próprio olhar, levando os estudantes a produzirem seus próprios desenhos em fotos de paisagens urbanas levadas para a sala de aula.

O ano escolhido para a atividade foi o 7º ano do Ensino Fundamental II por melhor se enquadrar com o currículo da turma, o assunto será mais amplamente tratado ao longo do trabalho. O pixo, elemento urbano considerado para o trabalho com os estudantes, é produtor de reconhecimento no espaço, mas também de disjunções e rupturas baseados em preconceitos contra identidades periféricas ligadas a ideia de pixação. Dessa forma, o pixo como fenômeno artístico urbano é produtor ao mesmo tempo que é produto de realidades existentes no espaço urbano.

Figura 01: Escadaria que leva ao bairro da Piedade no Centro, Vitória/ES.



Fonte: Produção do próprio autor.

Assim, a pixação quando discutida da perspectiva do território e da paisagem urbana evoca uma outra discussão: o direito à cidade. Ele já existe para populações que se apropriam do excedente de capital, como os espaços de lazer e esporte, os clubes nos fins de semana, os parques em bairros ricos, o acesso a cinema e museus, os shoppings que tentam esconder a classe alta da violência que ela mesmo produz nas ruas, as largas avenidas pavimentadas para a classe média desfilarem com carros movidos a combustível fóssil e acessar seus privilégios. O direito à cidade lido criticamente é a exigência da população de gerir democraticamente o excedente de capital que surge nos centros urbanos e que controla quem acessa determinados espaços e como se vive parcelas da população (HARVEY, 2013), ou ainda além do usufruto dos bens urbanos, o direito a cidade é o direito de construir modos de vida urbanas diferentes (PAES, 2018), a pixação portanto aparece como uma forma organizada paralelamente em pequenos grupos ou em ações individuais de se apropriar de espaços da cidade ou que são negados ou que os apropriadores do excedente de capital, em maior ou menor escala, tentam organizar a paisagem de acordo com o *status quo*.

A cidade enquanto ente, por meio de agentes - detentores de capital e o poder público - inclui ou exclui fatias específicas da população. Por vezes o pixo aparece como resposta e resultado em uma tentativa de ruptura com a institucionalidade, mesmo que apareça institucionalizado na forma de murais, e vai além da resposta, é também uma forma de produção ativa de apropriação do espaço, de acordo com Costa (2020):

O pixo como arte de rua, possui como base nítida a vida urbana e junto com ela suas problemáticas, tomando a própria cidade a superfície, a "tela" para a prática das caligrafias urbanas, "janelas, picos, portões, paredes". Assim como nos espaços de todos os tipos, a exemplo de ônibus e instituições públicas e privadas. Transformando a paisagem da cidade, uma verdadeira galeria aberta para todos, levando a sério por poucos e compreendida por um grupo seletivo; grupo este que se apropria de tal espaço, de modo a manifestar na prática, o direito à cidade em sua essência tanto teórica quanto prática (COSTA, 2020, p. 42).

O modo como as pixações são percebidas faz parte da sensibilidade à paisagem, por vezes em lugares de passagem como grandes avenidas elas podem não ter significado para milhares de pessoas. O olhar e a sensibilidade, que o autor Ruy Moreira (2007) chama de senso-percepção, é o nosso primeiro contato com o mundo, portanto ao mesmo tempo pode significar algo para a comunidade que a circunda, ele também pode ser motivo de conflito interno dentro da comunidade, como mostra Foucault em sua obra “A ordem do discurso”, publicada em 1971. O discurso sobre algo, aqui especialmente algo criminalizado historicamente, não é apenas um discurso, ele produz realidades, e conseqüentemente conflitos. Assim como vários outros fenômenos urbanos, a pixação é cheia de contradições, algumas internas e outras que a circundam. A sensibilidade entra como central na percepção do pixo e das contradições e injustiças dos centros urbanos que diariamente nos cercam e encurralam. De acordo com Yi-Fu Tuan:

Lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmo, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com lugares, proeminência visual e poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito reais pela dramatização das aspirações. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidade e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos (TUAN, 2013, p. 217).

Como se vê e percebe o espaço urbano é extremamente importante para o trabalho sócio-espacial. Dessa forma, o debate em torno do pixo como representações urbanas passa também pelo debate sobre a sua nomenclatura: pixação ou graffiti?

Em vários países um dos grandes dilemas que cercam a questão do pixo é a legalidade. O Brasil tem uma especificidade quando se trata desse tema, o graffiti e o pixo foram se distanciando. Enquanto o graffiti caminha em direção a institucionalidade, com uma estética e temas menos polêmicos, como murais em escolas e pontos turísticos da cidade, o pixo permanece entendido como símbolos menos inteligíveis, grafia mais estilizada e relações mais internas às comunidades. Ele é geralmente vítima da criminalização e de uma certa repulsa generalizada por uma parcela da população que o entende como empecilho à “boa estética” da cidade.

Murais com símbolos da Grande Vitória estão espalhados por várias partes da cidade e são socialmente aceitos enquanto as pixações são tratadas como problema, especialmente para agentes que tentam construir uma imagem da paisagem que elimine o “indesejável” ou “enfeitadores” (SOUZA, 2013), as matérias jornalísticas abaixo divulgadas na imprensa mostram as diferentes interpretações públicas do mesmo processo, enquanto graffiti é interpretado como arte, o pixo é interpretado e associado com o vandalismo e outros problemas urbanos.

Matéria 1 - Jornal “A Gazeta” em 10 de junho de 2023

“Museu a céu aberto: conheça 30 murais que enfeitam a Grande Vitória”

<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/museu-a-ceu-aberto-conheca-30-murais-que-enfeitam-a-grande-vitoria-0623>

Matéria 2 - Portal “G1” em 05 de Maio de 2017

“Praça do Papa em Vitória tem drogas, pichação e vandalismo”

<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/praca-do-papa-em-vitoria-tem-drogas-pichacao-e-vandalismo.ghtml>

Este processo não exatamente diz respeito aos pixadores, essas interpretações são estratégias e discursos institucionais de outros agentes de maior poder na sociedade. Aos grupos sociais que exercitam diretamente a prática dessas intervenções, como nos movimentos dos pichadores urbanos, o limite entre graffiti e pixo é menos claro, muitos que são percebidos como pixadores produzem graffiti ou começaram com o pixo e transitaram para algo mais próximo ao graffiti e o contrário também é verdadeiro. O debate, portanto, é sobre uma separação imposta ao movimento através da legalidade, diferente de outras cidades, como Nova York onde a ilegalidade pesa igualmente sobre as duas formas (FRANCO, 2009).

A partir do entendimento das práticas urbanas e dos conflitos pela legalidade do pixo por meio da interpretação do fazer-urbano apresentado, o presente trabalho busca introduzir o tema das paisagens urbanas e da identificação dos alunos com a multiplicidade de formas de vivência na Região Metropolitana da Grande Vitória abarcando as diferentes identificações com os espaços urbanos, seja a partir da ideia de cidade e nas diferentes escalas que se misturam e conduzem a identidade das

comunidades urbanas onde se trabalhou as atividades aqui propostas. Para tal, utilizou-se a pixação ou o graffiti, como forma de apropriação do espaço urbano para demonstrar maneiras de se reconhecer no espaço e identificar estereótipos nas imagens clássicas do território, especialmente por se tratar de uma forma de arte extremamente difundida e identificável pelos alunos.

À luz do que indica a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o 7º ano do Ensino Fundamental: “avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil” (BRASIL, 2017), o planejamento consistia em trabalhar intervenções em fotografias impressas de espaços urbanos que foram entregues aos alunos. O processo foi realizado em duas aulas para duas turmas de 7º ano no turno vespertino, que chamaremos de 7v1 e 7v2. Os resultados e relatos da experiência com os alunos serão apresentados ao longo do trabalho.

## **2 OBJETIVOS**

---

## 2.1 OBJETIVOS GERAIS

O trabalho tem como objetivo despertar os alunos participantes da experiência para o fato de também serem autores e produtores do espaço urbano, conscientemente e inconscientemente, produz-se o cotidiano urbano e o transforma. Assim, o pixo foi escolhido para ser trabalhado por ser facilmente identificável pelos alunos enquanto expressão popular e por atingir de maneiras diferentes os que convivem no espaço urbano e o formam cotidianamente. O potencial do pixo para o estudo geográfico está na conexão que ele é capaz de fazer com o mundo, como mostra Helena Copetti Callai, em “Escola, cotidiano e lugar” (2010):

[...] o tratamento do cotidiano incorporado na pauta de conhecimentos a serem abordados na escola revela a ligação que cada um (aluno) tem com seu mundo. O conhecimento geográfico é um conteúdo do currículo escolar e como tal se apresenta no conjunto da escola com determinados objetivos que se pretende alcançar na educação. (CALLAI, 2010, p.25)

Helena Callai menciona Lana Cavalcanti ao falar sobre cotidiano: “Ao manipular as coisas do cotidiano, os indivíduos vão construindo uma geografia e um conhecimento geográfico” (CAVALCANTI, 1998, p. 123). A proposta de fazer com que os alunos observem e intervenham em paisagens do espaço urbano, conversa com o pensamento das autoras:

Ler a paisagem para fazer a leitura da realidade supõe o olhar espacial que permite observar e analisar o território marcado pela história de vida das pessoas que ali vivem e permite que não se fique apenas nas descrições do aparente, daquilo que é visível e parece ser natural. Olhar e conseguir perceber o que está por trás dessa aparência, reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas do lugar significa ler para além da paisagem. (CALLAI, 2010, p. 38)

Assim, consultamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) na Etapa do Ensino Fundamental II e na Área de Geografia para escolher o ano do Fundamental em que o conteúdo será trabalhado. Chegamos na conclusão do 7 ano do Fundamental, utilizando os seguintes critérios:

Quadro 01 - Critérios utilizados pela dupla de acordo com a BNCC (2017)

Unidade temática	O sujeito e seu lugar no mundo.
Objetos de conhecimento	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil.
Habilidades	(EF07GE01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.

Fonte: BNCC, 2017 (p. 386-387) - Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)

## 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar problemas urbanos comuns aos diferentes grupos que habitam a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV).
- Apresentar as diferentes formas de pixo e/ou graffiti que são produzidas ao redor da RGMV.
- Criar experiências visuais diversas de arte urbana que representam a pluralidade de pensamento dos alunos sobre o urbano.
- Identificar alguns dos variados símbolos e sinais grafados nas paredes através da Grande Vitória, como eles identificam as comunidades e o que simbolizam.

## 3 METODOLOGIA

---

- Revisão bibliográfica sobre geografia urbana, direito à cidade e artigos especificamente relacionados ao pixo para subsidiar a interpretação geográfica deste fenômeno urbano-artístico.

- Levantamento de informações sobre a competência em sala de aula em geografia para ir de encontro e organizar o debate de forma apropriada para as turmas que foram trabalhadas através da leitura da Base Nacional Comum Curricular.
- Realização de identificação em campo de problemáticas urbanas e pixações em bairros de alta circulação na Região Metropolitana da Grande Vitória através do registro fotográfico.
- Análise dos processos políticos que envolvem a pixação e o graffiti e sua legalidade.
- Realização de aula sobre o assunto do trabalho com alunos de escola pública utilizando exemplos de pixo e graffiti coletados anteriormente
- Realização de experiência com alunos de intervenções artísticas em fotos de problemáticas urbanas anteriormente coletadas para fomentar o debate do pertencimento e da potencialidade política da pixação.
- Análise dos resultados obtidos subsidiados pela bibliografia anteriormente revisada.

## **4 RELATO DE CAMPO, DAS AULAS E RESULTADOS OBTIDOS**

---

### **4.1 O CAMPO**

A primeira etapa de execução da experiência com os alunos foi escolher o local onde seriam tiradas as fotos a serem usadas em sala de aula, tanto nos slides quanto para as atividades. Escolhemos o bairro Centro no município de Vitória, a escolha



partiu de motivos relacionados às características do bairro e questões associadas ao pixo enquanto movimento artístico e manifestação cultural urbana. Os pontos do ensejo que emaranha o Centro de Vitória e a pixação serão tratados a seguir.

O centro de Vitória possui uma extensa história, a primeira construção do bairro, a Capela de Santa Luzia, data do século XVI, tem ao seu redor um processo de intensa ocupação da região que se equilibra entre as matas do Parque Estadual da Fonte Grande e o oceano da baía de Vitória. Andando pelas ruas é possível observar sobrados do início do período colonial brasileiro, mansões do século XIX, edifícios com mais de 10 andares resultado da especulação imobiliária da década de 1970 e casas da década de 1990 e início dos anos 2000 se empilhando em um ambiente de intensa movimentação de pessoas e automóveis.

Figura 02: Emaranhado de construções na Rua Caramuru no Centro, Vitória/ES.



Fonte: Produção do próprio autor.

A capital teve um processo de ocupação extra-centro mais recente, a área central é reveladora de conflitos e de problemas urbanos que vão de amplas questões até as mais particulares dos moradores da região metropolitana. As várias pessoas que passam por ali todos os dias, dos que visitam pelo circuito histórico, as que frequentam pela efervescência cultural da região, os moradores, os que vão pelo comércio - vibrante e decadente, contraditório como tudo que se apresenta no Centro - ou ainda os que vão pela observação de um trabalho de conclusão de curso, como nós que escrevemos.

Começamos a caminhada por esse emaranhado urbano pela área mais baixa, especificamente pela Praça Costa Pereira, ponto de maior circulação do bairro, no entorno foi possível observar sobrados do século XIX recentemente reformados, alguns prédios públicos abandonados e serviços essenciais como bancos e padarias, o graffiti ou pixo não estava presente em grandes quantidades, justamente por se tratar de um ponto que recebe maior atenção do poder público, seja escondendo as pixações ou às evitando por meio de controle por câmeras, seguranças paralelos e policiamento, mesmo nos prédios abandonados.

Após uma breve caminhada nos entornos da praça iniciamos a subida para a Cidade Alta, parte mais residencial do Centro, que recebe esse nome por conta das ladeiras em que se encontra. Nos morros e subidas do centro, onde há maior concentração de casas abandonadas, o cenário é diferente, o pixo e o graffiti estavam presentes em praticamente todas as ruas que passamos, em um dos pontos observamos, próximo ao “Bar da Zilda”, ponto cultural importante do Centro, o que é conhecido como “pixo e graffiti” convivendo na mesma rua, assim como o novo e o velho, o institucional e o proibido, o abandonado e o movimentado, o que evidencia o motivo da nossa escolha pelo bairro, é um retrato de características que se espalham por toda a Região Metropolitana da Grande Vitória concentrados em um curto espaço, devido a natureza central do bairro. Na foto abaixo, o lugar mencionado.

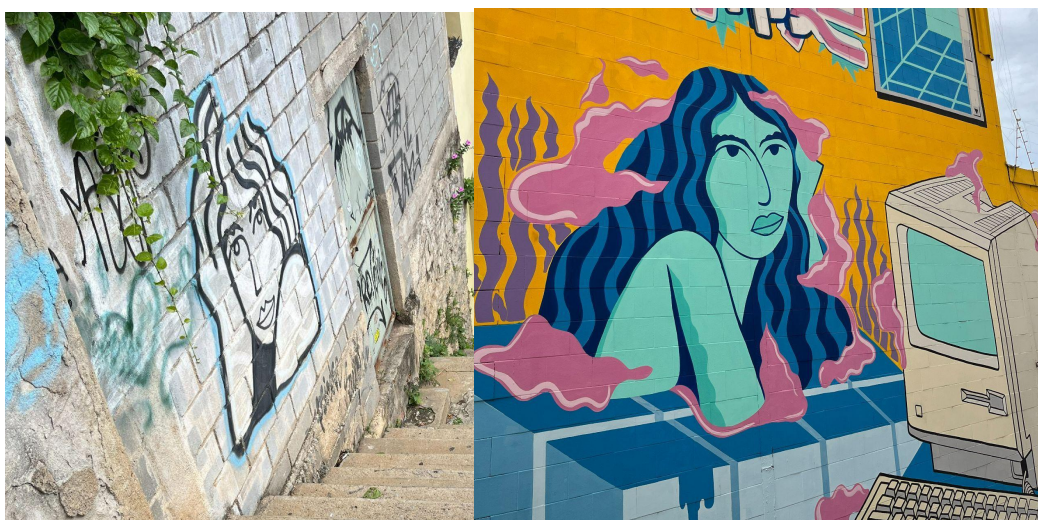
Figura 03: Graffiti e pixo na Cidade Alta - Centro, Vitória/ES.



Fonte: Produção do próprio autor.

O olhar para identidades culturais e manifestações da população através do pixo foi sendo treinado ao longo da caminhada, em certa altura começamos a perceber símbolos se repetindo em muros diferentes e problemas urbanos se repetindo em ruas diferentes.

Figuras 04 e 05: Pixo e mural de rosto humano se repetindo nos arredores da Catedral Metropolitana no Centro, Vitória/ES.



Fonte: Produção do próprio autor.

Alguns problemas observados nas caminhadas são bem comuns em grandes cidades, as ruas eram apertadas e de pouca acessibilidade, algumas casas,

especialmente as antigas, com estruturas como canos e calhas em cima das calçadas, abandono de patrimônio e presença de arquitetura anti-homeless detectada em alguns pontos.

Figura 06: Abandono de imóveis.



Fonte: Produção do próprio autor.

Após tirarmos cerca de 40 fotos na região, nos dirigimos de volta para a universidade. A Ufes fica em frente a um bairro de classe média e classe média alta de Vitória: Jardim da Penha, que guarda algumas semelhanças com o centro do município: área de alta circulação, forte ação da especulação imobiliária, arquitetura anti homeless, poluição sonora, entre outros.

Ao andarmos pelo bairro Jardim da Penha reparamos que o pixo é uma não-presença, trata-se de uma paisagem urbana onde os problemas existem, as contradições do capitalismo são evidentes, mas a grande diferença para o centro de Vitória são os autores da paisagem. Quem constrói diariamente Jardim da Penha tem dificuldade em construir também sua paisagem, os poderes públicos e policiais arbitrariamente controlam o que se vê e como se percebe o urbano. O pixo trata-se do poder de dizer, uma forma de apropriar-se do espaço, e pouco observado no bairro. Abaixo está um dos poucos exemplos encontrados em Jardim da Penha:

Figura 07: Pixo encontrado em Jardim da Penha, Vitória/ES.



Fonte: Produção do próprio autor.

O pixo é uma manifestação cultural extremamente difundida e que serve de denúncia, intencional ou não, das mazelas urbanas que milhões de pessoas enfrentam todos os dias. Ele aparece como fenômeno em vários lugares, em alguns ele é mais criminalizado que outros, a visão sobre o pixo é territorializada, assim como os problemas urbanos são. O pixo no Centro de Vitória é um revelador do que não está sendo dito, das pessoas que não estão sendo vistas e da arte que não está admirada.

Quando o vencedor do Nobel de Literatura, José Saramago, em “Ensaio sobre a cegueira” (1995) criou um mundo onde todos eram cegos, só assim foi possível perceber a decadência social do modo de vida capitalista que estavam vivendo. Os pixos urbanos, que fazem parte da clássica paisagem urbana e muitas vezes despercebidos, quando realmente vistos, são reveladores do mundo contemporâneo que estamos inseridos, o reproduzimos e não enxergamos. Estas são as questões que gravitam em torno do trabalho realizado com os alunos para incentivar nos discentes a prática do ver e ser autor da paisagem.

O processo de tirar as imagens e percorrer lugares da Região Metropolitana da Grande Vitória foi realizado apenas pelos autores, estas imagens foram selecionadas de modo com que as fotografias escolhidas deixassem evidente os problemas

urbanos e problemáticas que queríamos trabalhar com os alunos. Dessa forma, se passou para a próxima etapa da experiência, as aulas.

#### 4.2 AS AULAS

As aulas foram trabalhadas em uma escola próxima ao centro do município de Serra. A escolha foi feita a partir de conversas informais da dupla com professores da rede buscando indicações de professores de Geografia que possuíam interesse em projetos de extensão.

A parceria foi realizada com uma professora de Geografia que atua em duas escolas e que expôs interesse e disponibilidade em nos receber, também nos proporcionou liberdade para atuar em sala. Durante a conversa inicial, a professora comentou e mostrou fotos de uma oficina de graffiti que aconteceu em uma escola em que trabalhou. Também foi conversado com a professora de Artes sobre a proposta de atividade, que também demonstrou interesse e comentou sobre projetos semelhantes.

O planejamento consistia em trabalhar a proposta em duas aulas para duas turmas de 7º ano no turno vespertino, que chamaremos de 7v1 e 7v2. As aulas de Geografia do sétimo ano da escola acontecem entre as quartas e quintas-feiras. Foi possível trabalhar o conteúdo em duas aulas em horários em sequência. Na primeira semana foi trabalhado com o 7v2 e na segunda semana com o 7v1.

A escola é pequena e está passando por uma reforma, conta com projetor e aparelho de som, mas para ser utilizado foi necessário remanejar turmas. A liberdade em usar o projetor possibilitou que a primeira aula fosse trabalhada da maneira que planejamos, em um formato expositivo com uma apresentação de slides. A finalidade estava em construir um ambiente que possibilitasse trocas com os alunos sobre suas percepções sobre arte e suas análises sobre o próprio cotidiano.

Para isso, foi pensado em começar a aula conversando sobre cidade e sobre as trocas que ela nos proporciona. Foi utilizado a tese de Doutorado em Arte de Brígida Moura Campbell Paes, “Arte para uma cidade sensível”, defendida no ano de

2018, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, para relacionar a cidade com a arte junto dos alunos:

Não é possível pensar a cidade sem levar-se em conta a experiência coletiva pois, viver na cidade é, necessariamente, viver coletivamente. A cidade não existe sem troca e sem proximidade: ela cria relações. As ruas não são apenas lugar de passagem, são também lugar do encontro e desencontro com a novidade e com a diferença. (PAES, 2018, p. 47)

O campo no Centro de Vitória, passando por ruas e prédios históricos, e descrito anteriormente no trabalho, mesmo com aproximadamente 30 km de distância da escola, auxiliou no desenvolvimento da aula e da atividade. A maior parte das fotos presentes nos slides foram tiradas pela dupla durante o campo. Foi pensando em um grande número de fotos, com referências que pudessem ser reconhecidas pelos alunos, para que a ligação entre a arte e a cidade fosse bem exemplificada e para que a interação com os alunos ocorresse de maneira natural.

Também foi comentado sobre Direito à Cidade, pela perspectiva do geógrafo David Harvey, presente na tese de Brígida Paes (2018): “O tipo de cidade que queremos não pode estar divorciada do tipo de laços sociais, relações com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que desejamos.” (HARVEY, 2012, p. 74).

As primeiras fotos dos slides são de um mural na lateral de um prédio na Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes no Centro de Vitória, a pintura conta com aproximadamente cem metros de altura e com elementos da cultura e paisagem capixaba (Imagem 10). A segunda foto, também de um mural, nas paredes de uma escola próxima a que estamos trabalhando, também conta com elementos da cultura e da paisagem, mas do município de Serra. As duas pinturas foram reconhecidas pelos alunos das duas turmas que comentaram sobre detalhes dos desenhos.

Figura 08: Mural na Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes no Centro, Vitória/ES apresentado aos alunos.

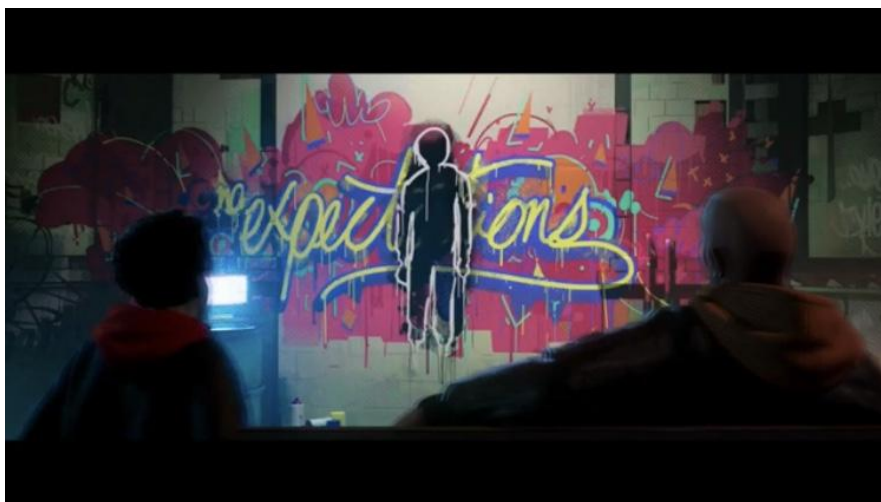


Fonte: Produção do próprio autor.

Também foi pensado em reproduzir uma cena do filme do Homem Aranha no Aranhaverso, dirigido por Peter Ramsey, Bob Persichetti e Rodney Rothman e produzido por Columbia, Marvel e Sony (2018) onde o protagonista Miles Morales, um adolescente morador do bairro do Brooklyn em Nova York, Estados Unidos, pixa a sombra do seu próprio corpo numa estação de metrô. O vídeo é curto, de aproximadamente 2 minutos e em formato de animação. A intenção é aproximar os alunos da atividade planejada para a próxima aula, com a motivação deles serem autores da paisagem geográfica, produtores de onde vivem, como indica a Base Nacional Curricular (BNCC) para o 7º ano do Ensino Fundamental II.

Figura 09: Frame do filme Homem Aranha no Aranhaverso (2018).





Fonte: Columbia, Marvel e Sony.

A atividade foi pensada para que os alunos pudessem intervir de forma artística em alguns pontos da cidade. Os alunos foram divididos em pequenos grupos, cada grupo recebeu uma foto impressa que foi tirada durante o campo no Centro de Vitória. O critério para a seleção das fotos estava em buscar por aquelas que mostrassem alguns problemas urbanos encontrados durante o campo, como por exemplo: locais abandonados, focos de lixo, derramamento de esgoto em rios, falta de acessibilidade, etc. A intenção está em aproveitar elementos presentes na paisagem para adicionar desenhos e frases que conversem com o contexto da foto, e possibilitar a proximidade com a Geografia, a Arte, a cidade, a paisagem e o cotidiano. As fotos foram entregues para os grupos para que os alunos, em conjunto, desenhassem ou escrevessem na imagem, para que, utilizando da arte, os alunos chamassem atenção para os problemas fotografados.

A primeira turma foi a 7v2. Como era necessário usar projetor, mudamos de sala para ter acesso. A turma é composta por aproximadamente 20 alunos e a maior parte dos alunos são meninas. Durante a aula, três meninos que estavam na fileira do meio foram bem participativos, fizeram várias perguntas assim que entramos em sala, queriam saber quem éramos e o motivo de estarmos ali. Enquanto estávamos organizando as coisas, a professora respondeu algumas perguntas dos alunos que pareceram bastante animados com a aula.

Começamos a apresentação falando um pouco sobre a gente, nossos nomes, o ano que entramos no curso de Geografia, os motivos que nos levaram a essa

escolha, contamos um pouco sobre como foi e está sendo nossa experiência na Universidade e as expectativas para quando terminar.

No começo da aula trabalhamos o mural da figura 08 desse trabalho, os alunos fizeram alguns comentários, reconheceram os elementos que compõem o desenho, como o Convento da Penha, as Paneleiras de Goiabeiras, a Pedra do Lagarto, etc, e conversamos um pouco sobre cada um deles. Também conversamos sobre o mural da escola próxima, composto por elementos que fazem parte do município de Serra, como o Mestre Álvaro, as principais igreja, a estátua do Chico Prego, entre outros.

A intenção estava em começar com intervenções artísticas próximas para que pudéssemos desenvolver a conversa com trabalhos familiarizados pelos alunos. O mural da escola, por exemplo, por estar localizado no Centro da Serra, local em que passam com grande frequência e com elementos já conhecidos, possibilitou uma fácil interação. Também perguntamos pelas impressões que tiveram nas primeiras vezes que passaram por perto, um dos alunos comentou que sempre parava para olhar os desenhos mesmo quando não tinha tempo.

Aproveitamos a fala para conversar sobre a relação que eles possuem com o bairro em que moram, as diferentes interações durante o cotidiano e as impressões sobre o lugar. Foram feitos alguns comentários sobre as áreas de lazer e em comum do bairro, alguns alunos contaram que é onde encontram seus amigos. O que novamente levanta a importância de construir e conservar as áreas em comum nos bairros para a integração entre os moradores, para aumentar o sentimento de pertencimento.

Foram feitos alguns comentários animados sobre as imagens do Museu do Graffiti, localizado na Pavuna, no Rio de Janeiro. Alguns alunos também conseguiram relacionar algumas pixações no Centro de Vitória presentes nos slides com outras localizadas nos bairros da Serra. Foram ditas coisas como “já vi uma parecida em tal rua”, “tem uma dessa próximo de tal lugar.” E também ficaram animados com o vídeo com cenas do filme Homem Aranha, quando perguntado se conheciam a animação, a resposta foi quase unânime.

No intervalo entre a aula e a atividade, um aluno nos mostrou fotos de desenhos que fez nas paredes de sua casa. Os alunos pareciam animados com a proposta de uma atividade artística e também gostaram quando souberam que a atividade seria realizada em grupo. A maior parte dos grupos ficou dividida entre pequenos grupos só de meninas ou só de meninos. Alguns grupos tiveram a ideia de desenhar em pouco tempo, outros precisaram de um pouco de conversa. A atividade durou o tempo de uma aula.

Na semana seguinte, as aulas aconteceram na mesma escola e na mesma sala, mas com a segunda turma, o 7v1. A turma possui um número maior de alunos, aproximadamente 30 e era um pouco mais dividida entre meninos e meninas. Foi apresentado as mesmas imagens e pontos de discussão, assim como na primeira turma, os alunos ficaram animados com as imagens dos slides e conversamos sobre elas e seus elementos. Eles ficaram empolgados com o vídeo do Homem Aranha, especialmente por se tratar de um super-herói extremamente popular e difundido entre as crianças.

Após a apresentação alguns alunos interagiram conosco, dois alunos se aproximaram para perguntar se tínhamos gostado de tirar fotos durante o campo no centro de Vitória e um grupo de meninas perguntou sobre o curso de Geografia. Depois do bate-papo, os alunos foram divididos em grupos para a atividade, novamente os grupos se dividiram entre si sem dificuldade. Foi passado de mesa em mesa para explicar a atividade e distribuir canetinhas, o resultado será apresentado a seguir.

#### 4.3 OS RESULTADOS OBTIDOS

A atividade resultou em aproximadamente quinze intervenções em fotos. Os resultados foram selecionados pela dupla pensando em não repetir as fotos, porque algumas foram replicadas entre as salas, e também em selecionar resultados de ambas as turmas.

Figuras 10, 11, 12, 13 e 14: Resultados das atividades realizadas com os alunos.



#### Resultado 01 (Figura 10):

Na foto de um prédio abandonado em que a estrutura está arruinada, com a fachada aberta, os andares expostos, sem parede frontal ou janelas, onde é possível observar o vazio nos andares e o que restou da armação, os alunos desenharam na coluna de azulejos brancos na lateral do prédio um operário no último degrau de uma grande escada, de uniforme e segurando uma caixa de ferramentas e um martelo, reformando o prédio.

#### Resultado 02 (Figura 11):

Na foto de um casarão abandonado com paredes verdes descascadas e com partes de estrutura arruinada, tanto nas paredes quanto nas janelas brancas em que parte está sem vidro, os alunos aproveitaram as janelas como olhos de um sorriso que desenharam na fachada. O sorriso é grande, com dentes pontiagudos e com destaque para os caninos.

#### Resultado 03 (Figura 12):

Na foto de um emaranhado de fios que de fundo é possível observar um prédio verde, com janelas de vidro e aparência de construção relativamente recente, ao lado de um prédio mais antigo, construído em tijolos alaranjados aparentes e janelas brancas. Os alunos aproveitaram os fios para desenhar roupas penduradas, como se fosse um varal, foi desenhar lençol, camisas, meias e roupas íntimas. Ao mesmo tempo que chama atenção para a fiação, elemento bem presente na paisagem urbana, a ressignifica.

#### Resultado 04 (Figura 13):

Na foto do despejo de esgoto no Canal de Camburi, uma área de manguezal na foz do Rio Santa Maria, os alunos desenharam em um muro branco próximo ao rio

frases como “Não à poluição”, “Não ao lixo”, interrogações, caras assombradas e chamando atenção para o mau cheiro, relacionado à poluição do rio.

Resultado 05 (Figura 14):

Na foto de um ponto viciado de lixo, é possível ver sacos de lixo azuis espalhados em uma calçada que, apesar de grande, com a disposição dos sacos, faz com que os pedestres tenham que desviar do lixo. Os alunos desenharam uma lixeira laranja em um poste e também uma pá e uma vassoura escorados no muro, atrás do muro é possível ver uma parede laranja de um prédio residencial.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O trabalho foi pensado seguindo o interesse por dinâmicas dos espaços urbanos, com destaque na maneira com que as pessoas se expressam dentro da cidade e como tais expressões também podem ser oprimidas por pequenos grupos, mas que possuem poder de controle.

Não é possível pensar a cidade sem levar-se em conta a experiência coletiva. Pois, viver na cidade é, necessariamente, viver coletivamente. A cidade não

existe sem troca e sem proximidade: ela cria relações. As ruas não são apenas lugar de passagem, são também lugar do encontro e desencontro com a novidade e com a diferença. (PAES, 2018, p. 47)

A proposta estava em pensar o direito à cidade a partir de manifestações culturais e artísticas, que é interesse compartilhado pela dupla. Depois de algumas análises de bairros nos municípios de Serra e Vitória, foi decidido focar no Centro de Vitória, um bairro com grande importância cultural e no processo de urbanização de Vitória, e que também é conhecido e frequentado por nós.

Ao trabalhar intervenções artísticas e culturais nas paisagens urbanas, e conseqüentemente, algumas dinâmicas dos espaços urbanos, e levando em consideração que a sugestão para trabalhar com os alunos foi uma análise e intervenção da paisagem, é interessante pensar sobre o processo, como escreve Roberto Lobato Corrêa com base em Denis Cosgrove:

A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores. Além de sua gênese, estrutura e organização, focos correntes dos geógrafos, é necessário para a sua compreensão que se apreendam os seus significados, pois são estes que lhe dão sentido. (CORRÊA, 2011, p. 10)

Fazer o campo pelo Centro com o olhar um pouco mais atento que anteriormente, buscando por boas fotos e descrevendo a experiência foi satisfatório. Assim como trabalhar a proposta em uma escola, principalmente pela receptividade dos alunos e professores e pelo acolhimento da atividade, que proporcionou bons resultados. Foi interessante promover certo distanciamento da maneira automática em que percebemos os espaços e buscar por uma análise sensível do cotidiano, proposto por Helena Copetti Callai.

Em “Escola, cotidiano e lugar” (2010) Helena Copetti Callai afirma que “a geografia tem elementos que contribuem para a formação do cidadão para além do conhecimento que o estudante consegue absorver.” (p. 28) e também define o cotidiano no ensino de Geografia:

Por ser o dia a dia da vida de cada um de nós, ele deve ser considerado na perspectiva de compreender o que acontece ao nosso redor tendo a possibilidade de fazer a abstração e conseguir, assim, entender o mundo e o lugar onde se vive. (CALLAI, 2010, p. 28)

Promover a análise de manifestações artísticas e proporcionar liberdade para as intervenções dos alunos durante a atividade possibilitou a interação dos alunos entre Geografia e o espaço urbano, além da interpretação sobre alguns problemas encontrados nesses espaços:

“Ações artísticas críticas na cidade contemporânea que buscam usar, ocupar e se apropriar do espaço urbano para construir e propor outras experiências visuais e, assim, interferências no cotidiano. Ações que buscam um escape da hegemonia das imagens consensuais, e até mesmo democratização da arte contemporânea.” (ROSA, GOMES, 2020, p. 312)

A proposta de relacionar Geografia com Arte foi uma maneira pensada para ampliar a sensibilidade dos alunos e promover novas formas de perceber a Geografia no cotidiano. A intenção era com que pensassem sobre o espaço urbano, levando em consideração manifestações artísticas e culturais que fazem parte do visual cotidiano, na tentativa de promover uma proximidade com a cidade.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>.

CALLAI, Helena Copetti. **Escola, cotidiano e lugar**. In: Geografia. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010 (Coleção: Explorando o Ensino, Vol. 22.).



CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove: A paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, Jan./Jun. de 2011.

COSTA, Elivelton de Jesus. **Eu pixo, você pinta: dinâmicas da pixação em Aracaju**. 2020. 474 f. TCC (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/17243>>.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

FRANCO, Sérgio Miguel. **Iconografias da MetrÓpole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo**. Tese (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-18052010-092159/publico/mestrado\\_serjio\\_LIVRE.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-18052010-092159/publico/mestrado_serjio_LIVRE.pdf)>.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Tradução de Isa Mara Lando. Piauí, n. 82, 2013.

HOMEM ARANHA NO ARANHAVERSO. Direção: Peter Ramsey, Bob Persichetti, Rodney Rothman. Produção de Sony, Columbia e Marvel. Estados Unidos da América: Sony, 2018. Disney+.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Raquel. **Praça do Papa em Vitória tem drogas, pichação e vandalismo**. A Gazeta. Vitória. 05 maio 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/praca-do-papa-em-vitoria-tem-drogas-pichacao-e-vandalismo.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

PAES, Brígida Moura Campbell. **Arte para uma cidade sensível: Arte como gatilho sensível para novos imaginários.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de Comunicação e Arte - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-12072018-145203/publico/BRIGIDAMOURACAMPBELLPAES.pdf>>.

PARANHOS, Julia. **Museu a céu aberto: conheça 30 murais que enfeitam a Grande Vitória.** A Gazeta. Vitória, 10 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/museu-a-ceu-aberto-conheca-30-murais-que-enfeitam-a-grande-vitoria-0623>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ROSA, Crislane Palma da Silva; GOMES, Jamila Reis. Geografia Libertária: das bases teórico-conceituais ao debate atual. **Revista de Geografia**, Recife, v.37, n. 3, p. 299-316, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/246826>>.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: EDUSP, 2002.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.